

INCIDÊNCIA DOS SINTOMAS RELACIONADOS À ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM JOVENS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19*

ALVES, Yasmin Pires

Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino - UNIFAE
yasmin.alves@sou.fae.br

ANDRADE, Lara Nogueira De

Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino - UNIFAE
lara.andrade@sou.fae.br

LOPES, Livia de Souza

Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino - UNIFAE
livia.lopes@sou.fae.br

GUERRA, Mariana Milani

Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino - UNIFAE
mariana.guerra@sou.fae.br

SANTOS, Rafaela Uveda Martins dos

Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino - UNIFAE
rafaela.santos@sou.fae.br

MARINI, Danyelle Cristine

Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino - UNIFAE
danyelle.marini@prof.fae.br

RESUMO

No início de 2020, com o surgimento do vírus SARS-CoV-2, originou-se uma grave pandemia em decorrência da doença

*Este artigo foi apresentado ao Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino na disciplina Saúde Baseada em Evidência, em dezembro de 2023 pelos discentes Yasmin Pires Alves, Lara Nogueira de Andrade, Livia de Souza Lopes, Mariana Milani Guerra, Rafaela Uveda Martin dos Santos, e foi desenvolvido sob orientação de Profa. Dra. Danyelle Cristine Marini.

causada por ele, o Covid-19. Devido à gravidade das consequências na saúde causadas pelo novo vírus circulante, houve a necessidade da realização de isolamento social, proibição de eventos públicos, fechamento de comércios e escolas e universidades, que passaram a adotar o ensino remoto. Por conta dessas restrições, houve uma diminuição do convívio com parentes e amigos, afetando principalmente os jovens, já que nessa faixa etária o contato social é de grande importância. Nesse sentido, impactos sociais, econômicos e principalmente emocionais podem ter contribuído para um aumento de doenças psíquicas, como a depressão e a ansiedade. Portanto, o presente estudo tem como objetivo analisar a incidência de depressão e ansiedade em jovens de 18 a 24 anos, durante a pandemia de Covid-19. Refere-se a um estudo descritivo transversal que utilizou um questionário por meio da plataforma Google Forms, com 14 questões de múltipla escolha, que foi preenchido por jovens da faixa etária referida. Tal estudo foi aprovado no comitê de ética, tendo o seguinte CAAE: 58363922.8.0000.5382. Foram identificados 49 participantes, sendo 65,3% (32) mulheres e 34,7% (17) homens. Dentre os participantes, a maioria são estudantes que passaram a ter aulas remotas devido ao período pandêmico. Além disso, 53,1% relataram perda de parentes, amigos ou conhecidos devido ao COVID-19 e 44,9% relataram que se sentiram depressivas e sem ânimo. Ademais, 55,8% responderam já possuir algum tipo de sintoma de depressão e ansiedade antes mesmo do período pandêmico e 66,7% notaram aumento dos sintomas devido ao isolamento. Portanto, conclui-se que houve uma relação de aumento entre os sintomas citados e o período de quarentena e isolamento social.

PALAVRAS-CHAVE: *Ansiedade; depressão; jovens; pandemia; covid-19.*

INTRODUÇÃO

A COVID-19 é uma doença infecciosa causada por um novo coronavírus, o SARS-CoV-2, descoberto em dezembro de 2019 na China. A maioria das pessoas infectadas por esse novo agente infeccioso experimentará

doença respiratória leve a moderada e se recuperará sem a necessidade de tratamento especial (Barbosa, 2021).

No início de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, devido à doença Covid-19, que se caracteriza por uma infecção respiratória aguda, de elevada transmissibilidade e de distribuição global (OMS, 2022).

Segundo o ministério da saúde, o sars-cov-2 é um beta coronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na China, em dezembro de 2019, pertence ao subgênero sarbecovírus da família coronaviridae é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos (Brasil, 2022).

A infecção pelo SARS-CoV-2 pode variar de casos assintomáticos e manifestações clínicas leves, até quadros moderados, graves e críticos, sendo necessária atenção especial aos sinais e sintomas que indicam piora do quadro clínico que exijam a hospitalização do paciente. De forma geral, os casos podem ser classificados em sintomáticos, leves, moderados, graves e críticos (Brasil, 2022).

Dentre as medidas de distanciamento social, destaca-se, para este grupo, o fechamento de escolas, clubes, academias, shoppings, praias e parques. Com isso, passam a ficar restritos ao ambiente doméstico, sem a possibilidade de se relacionar fisicamente com seus pares e, possivelmente, aumentando a procura por jogos virtuais, acesso a vídeos e uso de redes sociais (Balhara *et al.*, 2020).

Além disso, o fechamento de diversos ambientes, principalmente das universidades, dificultou a interação e a vivência dos estudantes. Somado a isso, a incerteza do fim da pandemia, a morte e adoecimento de amigos e familiares e o confinamento podem ter auxiliado para um possível aumento no número de jovens de 18 a 24 anos que adquiriram ansiedade e depressão (Ornell *et al.*, 2022)

Ademais, muitos jovens possuem uma forte ligação com amigos e familiares, mas como isolamento ocorrido pela pandemia, o contato físico foi restrito e, em alguns casos, inexistente. Acompanhado dos impactos emocionais, também houveram impactos físicos, sociais e principalmente econômicos, o que pode ter gerado maiores índices de ansiedade e depressão nessa faixa etária (Santos *et al.*, 2021).

Como consequência da complexa situação mundial e das limitadas interações sociais entre as pessoas durante esse período, parece ter havido um agravamento dos problemas de saúde mental, principalmente entre os

mais jovens. Estudos mostram que o isolamento social, juntamente com o estresse, falta de atividade física e falta de interação com o meio externo, nesse período, causaram maiores índices de ansiedade, depressão, medo e pânico (Santos *et al.*, 2021)

A depressão, segundo a American Psychiatric Association (APA) (2013), é uma doença psiquiátrica crônica e possui diversos graus, desde leve a moderada. Ela tem como sintomas tristeza profunda, perda de interesse, ausência de ânimo e oscilações de humor, e geralmente está relacionada com a ansiedade e leva a pensamentos suicidas. Assim sendo, é essencial diagnosticar a doença e iniciar acompanhamento médico.

A síndrome do pânico é um tipo de transtorno de ansiedade que se caracteriza por crises inesperadas. Entre os principais sintomas estão o medo, insegurança e desespero, aparentemente sem qualquer risco real. Essas crises de ansiedade provocam sintomas físicos e psicológicos (APA, 2013).

Sintomas físicos: sudorese, taquicardia, tremores, calafrios, falta de ar, náuseas, dores no peito, tonturas. E os psicológicos são a angústia, sentimento de estar em perigo, medo de morrer, sensação de bloqueio mental (APA, 2013).

O medo, além das diversas manifestações clínicas, também é capaz de aumentar os níveis de ansiedade e estresse em indivíduos saudáveis ou de intensificar os sintomas daqueles que já apresentam algum tipo de transtorno psiquiátrico (Ornell *et al.*, 2022).

Como também pode abalar as relações familiares, afetar o apetite, a qualidade do sono, diminuir o ânimo, a vontade de fazer as tarefas do dia a dia e até desencadear problemas de saúde, como depressão e pânico, e em casos mais graves, as tentativas de suicídios (Ornell *et al.*, 2022).

A justificativa para este estudo se dá em decorrência da observação, por parte dos profissionais da saúde, de um aumento nos casos de distúrbios psicológicos em jovens durante isolamento, fato que causou interesse em realizar pesquisas com o objetivo de descobrir uma possível relação entre essas ocorrências.

O presente estudo teve como objetivos estudar e compreender se houve aumento dos casos de depressão e ansiedade nos jovens, de 18 a 24 anos, durante o isolamento social provocado pela pandemia de COVID-19, bem como analisar se tais jovens moravam sozinhos, se estudavam ou trabalhavam presencialmente ou remotamente e os sentimentos presenciados durante tal isolamento. Além disso, também foi verificado se os pacientes já possuíam algum tipo de transtorno de depressão e ansiedade antes do COVID, e se foi observado alguma piora dos casos.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo foi submetido na Plataforma Brasil. Este estudo seguiu com as exigências para pesquisas que envolvem seres humanos, de acordo com a Resolução nº 466 de 2012 do Ministério da Saúde (Ministério da Saúde, 2016). Foi aprovado por meio CAEE nº 58363922.8.0000.5382.

Esta investigação refere-se a uma pesquisa descrita transversalmente que analisou a relação de aumento ou diminuição da ansiedade e depressão em jovens de 18 a 24 anos durante a pandemia de COVID-19. Foi realizada por meio de questionário disponibilizado para voluntários por meio da plataforma *Google Forms*. O link foi disponibilizado via *e-mail* e rede sociais, como Instagram e *Whatsapp*.

As perguntas que foram apresentadas aos participantes foram feitas pelas próprias autoras do artigo, mas foram baseadas em uma escala denominada *Depression, Anxiety and Stress Scale* (DASS-21), que foi desenvolvida por Peter Lovibond, da University of New South Wales (UNSW), na Austrália. Essa escala possui 21 questões e permite distinguir e avaliar a severidade dos sintomas de ansiedade, depressão e estresse (Martins *et al.*, 2019).

Os participantes da pesquisa foram homens e mulheres, escolhidos ao acaso, com mais de 18 anos de idade, que apresentaram sintomas autorreferidos de ansiedade e depressão durante o isolamento social. É importante ressaltar que o questionário utilizado foi baseado em uma escala de avaliação amplamente reconhecida (DASS-21), e adaptada para o contexto pandêmico. No entanto, dado que os sintomas relatados foram autorreferidos, e não diagnosticados clinicamente, as informações fornecidas pelos participantes refletem sua percepção subjetiva dos sintomas. Assim, o estudo não fornece um diagnóstico clínico formal, mas sim uma visão geral das experiências subjetivas dos participantes durante o período de isolamento social, sendo importante reconhecer que a autoavaliação pode estar sujeita a vieses pessoais e à variação na interpretação das perguntas. Os participantes tiveram sua identidade mantida em sigilo e foram orientados quanto ao procedimento de estudo e a justificativa da importância da pesquisa. Somente participaram aqueles que concordaram de forma voluntária com o termo de livre consentimento.

Os benefícios esperados pela pesquisa estão relacionados à contribuição, por parte do participante, para um levantamento de dados e um auxílio na criação de possíveis campanhas acerca da importância do cuidado da saúde mental e de prevenção ao suicídio. Estas informações poderão subsidiar ações voltadas à melhor qualidade de vida.

Para análise de dados foram utilizadas ferramentas de análise estatística descritiva, por meio da determinação de média, desvio padrão, frequência absoluta e relativa.

3. RESULTADOS

A pesquisa foi realizada com 95 participantes, sendo que o perfil dos entrevistados constituiu em 70,5% (67) de mulheres e 29,5% (28) de homens, com idade entre 18 a 24 anos, tendo a maior parte, 27,7%, 24 anos, conforme as **Tabelas 1 e 2**.

Tabela 1 - Distribuição de participantes segundo sexo.

	NÚMERO	%
HOMENS	28	29,5%
MULHERES	67	70,5%

Tabela 2 - Distribuição de participantes segundo a faixa etária.

IDADE	NÚMERO	%
18	5	5,3%
19	10	10,6%
20	16	17%
21	11	11,7%
22	16	17%
23	10	10,6%
24	26	27,7%

Segundo a pesquisa, durante o período vivido durante o isolamento social em decorrência da pandemia de COVID-19, 81,9% (77) dos participantes eram estudantes e 17% (16) estavam trabalhando. Aqueles que possuem outra ocupação correspondem a 1,1%(1). Desses estudantes ou trabalhadores, 62,1% (59) passaram a trabalhar remotamente nesse período e 33,7% (32) trabalhavam presencialmente. Ademais, durante esse intervalo de tempo, 91,6% (87) dos participantes responderam que moravam com mais pessoas e 8,4% (8) responderam que moravam sozinhos.

Foi perguntado aos entrevistados se eles tiveram a perda de algum familiar, amigo ou conhecido em decorrência do COVID-19, sendo 48,4% (46) que responderam que não e 51,6% (49) responderam que sim.

Em seguida foram feitas perguntas de verdadeiro ou falso acerca dos sentimentos presenciados pelos entrevistados durante o período de isolamento, estando estes descritos na **Tabela 3**.

Tabela 3 - Distribuição dos participantes conforme sentimento presenciado.

	VERDADEIRO	FALSO	TALVEZ	OUTRO
Você não conseguia vivenciar nenhum sentimento positivo	16,8%	46,3%	35,8%	1,1%
Você não conseguia se entusiasmar com nada	27,4%	42,1%	30,5%	0
Você sentia medo sem motivo	45,3%	38,9%	15,8%	0
Você sentia que a vida não tinha sentido	29,5%	54,7%	14,7%	1,1%
Você sentia que não tinha valor como pessoa	29,8%	54,3%	16%	0
Você se sentia depressivo e sem ânimo	52,6%	22,1%	24,2%	1,1%

Ainda segundo a pesquisa realizada, foi possível relacionar várias perguntas do questionário para fazer uma correlação de dados, como perda familiar e medo vivido na pandemia, sentimentos de depressão e falta de ânimo com a ocupação do participante, sentimento de que a vida não tinha motivo com sentimento de não ter valor como pessoa, sentimento de depressão e falta de ânimo com morar sozinho, se o participante já possuía

algum sintoma de depressão e ansiedade antes do isolamento com falta de entusiasmo e não conseguir vivenciar sentimentos positivos (**Tabela 4**). O que foi percebido é que a maioria dos participantes possuía mais de um tipo de sintoma e que os diversos acontecimentos em suas vidas sociais impactaram diretamente sobre os resultados da pesquisa, revelando as dificuldades encontradas de manter o equilíbrio emocional em meio à pandemia e ao isolamento social.

Tabela 4 - Média de valores encontrados entre duas perguntas diferentes respondidas como “sim” pelos participantes

	PERDA FAMILIAR	ISOLAMENTO SOCIAL	PASSOU A ESTUDAR OU TRABALHAR REMOTAMENTE	RESIDE SOZINHO
Medo sem motivo	48,45%	56%	53,7%	26,85%
Depressão e alta de ânimo	52,1%	59,65%	57,35%	30,5%
Sentimento de que a vida não tinha motivo	40,55%	48,1%	45,8%	37,9%
Sentimento de não ter valor como pessoa	40,7%	48,25%	45,95%	19,1%
Falta de entusiasmo	39,5%	47,05%	44,75%	17,9%
Piora dos	59,65%	67,2%	64,9%	38,05%

	PERDA FAMILIAR	ISOLAMENTO SOCIAL	PASSOU A ESTUDAR OU TRABALHAR REMOTAMENTE	RESIDE SOZINHO
sintomas				
prévios de				
depressão e				
ansiedade				
Não conseguia	34,2%	41,74%	39,45%	12,6%
vivenciar				
nenhum				
sentimento				
positivo				

Por fim foi verificado se os participantes já tinham algum tipo de sintoma de depressão e ansiedade antes do isolamento social, em que 55,8% (53) responderam que sim, 29,5% (28) responderam que não e 14,7% (14) responderam talvez (**Tabela 5**).

Tabela 5 - Resposta dos participantes sobre depressão e ansiedade pré COVID-19 e isolamento social.

	SIM	NÃO	TALVEZ
Já possuía algum tipo de sintoma de depressão e ansiedade antes do isolamento?	55,8%	29,5%	14,7%

Dentre esse 53,1% que responderam que sim, 66,7% (60) alegaram que tais sintomas aumentaram devido ao isolamento e 24,4% (22) responderam que não, 6,7% (6) responderam que talvez e 2,2% (2) responderam prefiro não dizer, conforme descrito na **Tabela 6**.

Tabela 6 - Porcentagem de participantes que notaram aumento dos sintomas prévios de depressão e ansiedade pós COVID-19 e isolamento social.

	SIM	NÃO	TALVEZ
Os sintomas de depressão e ansiedade aumentaram devido ao isolamento?	66,7%	24,4%	14,7%

4. DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar os níveis de ansiedade e depressão em jovens de 18 a 24 anos durante o período pandêmico. A análise revelou que fatores como o isolamento social, a incerteza econômica e a interrupção das atividades educacionais e sociais foram amplamente associados a esses sintomas.

Observou-se, por meio dos resultados, que apesar de muitos jovens já apresentarem sintomas de depressão e ansiedade antes mesmo da pandemia, estes foram significativamente aumentados por conta do isolamento social durante a pandemia. Esses resultados vão ao encontro de outros estudos que analisaram a ansiedade, depressão e estresse em estudantes durante o COVID-19 (Maia; Dias, 2020). Portanto, os achados corroboram com estudos prévios que mostram que eventos estressantes e disruptivos, como uma pandemia global, podem exacerbar sintomas de transtornos mentais. A combinação de fatores como o distanciamento social e a mudança nas rotinas diárias pode ter contribuído para um aumento no estresse e na sensação de insegurança, impactando diretamente a saúde mental dos jovens. A ausência de interações sociais face a face e a adaptação a novas formas de aprendizagem online também foram identificadas como fontes de estresse adicionais.

Este estudo identificou diferenças na participação ocupacional antes e durante o pandemia, entre membros de universidades públicas do Brasil. O aumento

em participação ocupacional também é seguida de sobrecarga e subsequente sintomas de depressão, ansiedade e estresse. Organização do tempo e dificuldades em o desempenho eficaz das ocupações parece estar relacionado com níveis de ansiedade, depressão e estresse, principalmente na amostra de estudantes.

Outro aspecto importante a ser destacado é o fato de que a maioria dos jovens que participaram da pesquisa eram estudantes, os quais passaram a ter aulas remotas devido à quarentena. Dessa maneira, fica evidente que o isolamento social e contato limitado com familiares e amigos próximos, feito somente por meio de telas, impactou de maneira negativa nas doenças mentais, pois muitos adquiriram tais doenças ou observaram um aumento de sintomas relacionados à elas. Além disso, o ensino remoto também contribuiu para que os estudantes fossem obrigados a viverem outro cenário, com novas experiências e angústias de não se adaptarem ao novo, o que pode ter contribuído para o aumento da ansiedade e depressão, como é discutido no estudo sobre os sentimentos dos estudantes que tiveram que utilizar o ensino remoto durante a pandemia (Vasconcelos, 2021).

Além disso, a perda de conhecidos, amigos ou familiares pela maior parte dos entrevistados pode ter sido um fator agravante para o aumento dos transtornos mentais observados neste estudo, fato que também é citado em outro estudo sobre Perdas, Morte e Luto durante a pandemia de COVID-19 (Fontes *et al.*, 2020). Juntamente a isso, a maioria dos jovens relatou que não vivenciou nenhum sentimento positivo nem conseguiu se entusiasmar com nada durante o período de isolamento social.

Outro ponto analisado foi que muitos jovens relataram sentimentos como medo sem motivo, nenhuma motivação para viver ou que não tinham valor como pessoa. Isso pode ter sido um fator desencadeante de depressão e ansiedade nos jovens, já que juntamente com estreitamento de relações sociais, isolamento e perda de pessoas importantes para o COVID-19, tais transformações ocorreram em um curto espaço de tempo, dificultando a assimilação e aceitação da realidade imposta nunca antes por eles vivida.

Apesar de nossos achados fornecerem informações valiosas, há algumas limitações a serem consideradas. A amostra pode não ser representativa de todos os grupos demográficos, e os dados são baseados em autorrelatos, o que pode introduzir viés. Além disso, a natureza transversal do estudo limita a capacidade de inferir causalidade. Dessa maneira, seria importante avaliar o impacto a longo prazo da pandemia na saúde mental dos jovens, para identificar quais intervenções seriam eficazes e quais estratégias de prevenção podem ser feitas considerando diferentes grupos etários e contextos socioeconômicos.

Portanto, este estudo realça, devido aos resultados obtidos, a necessidade urgente de implementar estratégias de suporte psicológico e programas de intervenção direcionados aos jovens, devido aos efeitos psicológicos que a pandemia de COVID-19 causou, afim de sejam promovidas iniciativas para reduzir o estresse e oferecer apoio emocional à esses jovens, principalmente entre aqueles que já possuíam as patologias e que foram agravadas devido à pandemia. Além disso, é importante que se desenvolvam e se ampliem programas de conscientização sobre saúde mental e recursos de apoio acessíveis para jovens em risco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho observou impactos no âmbito psicossocial ocasionados pelo isolamento devido à pandemia COVID-19 entre jovens. Os principais efeitos psíquicos resultantes de tal período foram a depressão e a ansiedade, que, juntamente com outros problemas e sintomas decorrentes da pandemia, como perda de amigos e familiares, escassez de interações sociais e dificuldade de vivenciar sentimentos positivos, resultaram em um aumento significativo de tais patologias na população jovem, sinalizando uma possível piora no bem-estar psicológico nessa faixa etária.

Assim, o aumento da incidência de depressão e ansiedade entre jovens foi amplamente reconhecido. Precisa-se considerar que o período de isolamento impôs desafios psicológicos a todas as faixas etárias. Porém, dado que a juventude é fase crucial para a formação de interações sociais, amizades e identidade, o impacto entre eles pode ter sido ainda mais severo, o que justifica um aumento mais acentuado de problemas psíquicos.

Logo, no período pós-pandêmico, certamente será necessário aprofundar a discussão e encontrar maneiras de melhorar as relações sociais e emocionais entre os jovens, a fim de que os traumas e problemas psicológicos adquiridos ou aumentados durante a pandemia possam ser melhorados e, se possível, resolvidos.

Por fim, foi concluído que os índices dos sintomas de ansiedade e depressão tiveram um aumento progressivo ou se agravaram ainda mais decorrentes do isolamento social, vistos na pesquisa.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. (2013). Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, 5th Edition. Washington, DC: **American Psychiatric Publishing**.

BALHARA, YPS, Kattula D, Singh S, Chukkali S, Bhargava R. Impact of lockdown following COVID-19 on the gaming behavior of college students. **Indian J Public Health**. 2020 Jun;64(Supplement):S172-S176. doi: 10.4103/ijph.IJPH_465_20. PMID: 32496250.

BARBOSA, L. N. F. *et al.*. Brazilian's frequency of anxiety, depression and stress symptoms in the COVID-19 pandemic. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 21, p. 413–419, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Covid**: Encontrar informações atualizadas sobre o coronavírus (Covid-19). 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/obter-informacoes-atualizadas-sobre-o-coronavirus-covid-19>. Acesso em fevereiro de 2022.

FONTES, W. H. D. A. *et al.* Perdas, Mortes e Luto Durante a Pandemia de Covid-19: Uma Revisão da Literatura / Losses, Deaths and Grief During the Covid-19 Pandemic: A Literature Review. ID on line **REVISTA DE PSICOLOGIA**, v. 14, nº 51, p. 303–317, 30 jul. 2020.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 37, 2020.

MARTINS, B. G. *et al.*. Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse: propriedades psicométricas e prevalência das afetividades. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 68, nº 1, p. 32–41, jan. 2019.

MILIAUSKAS, C. R.; FAUS, D. P. Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, nº 4, 2020.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. **Debates em Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 10, nº 2, p. 12–16, 2020. DOI: 10.25118/2236-918X-10-2-2.

SANTOS, L. C. *et al.* Impactos psicossociais do isolamento social por covid-19 em crianças, adolescentes e jovens: scoping review. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 11, p. e73, 26 out. 2021. doi.org/10.5902/2179769265407

VASCONCELOS, C. M. R. *et al.* Sentimentos dos estudantes utilizando o ensino remoto durante a pandemia COVID-19: interferência no processo de aprendizagem. **Revista de Saúde Pública do Paraná**, v. 4, nº 3, p.145–153, 29 nov. 2021.